

RÖSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (Orgs.) *Leitura: história e ensino*. Porto Alegre: Edelbra, 2016.

Gabriela Silva¹

Ilse Maria Vivian²

Publicado em 2016, *Leitura: história e ensino*, organizado por Tania Rösing e Regina Zilberman, é um conjunto de ensaios sobre a importância da leitura no desenvolvimento do intelecto humano. Ana Cláudia Gruszynski, Anne-Marie Chartier, Bethania Mariani, Elias José Torres Feijó, Ezequiel Theodoro da Silva, José Luis Jobim, Luis Augusto Fischer, Márcia Abreu, Maria da Glória Bordini, Marisa Lajolo, Miguel Rettenmaier, Regina Zilberman, Roger Chartier, Sandra Guardini Vasconcelos e Tania Rösing são os nomes que compõem a lista dos autores dos textos que abordam a leitura, a história e o ensino em diferentes aspectos. Esses ensaios estão divididos em três partes: PARTE I - A leitura e seus usuários; PARTE II - A leitura e seus intermediários e, a PARTE III - A leitura e seus destinatários. O livro foi pensado com o propósito de oferecer estudos aprofundados sobre leitura, história e ensino a professores e estudantes do ensino superior e de programas de pós-graduação, com apoio do Instituto Itaú Cultural e do Ministério da Cultura. Congrega “vozes contemporâneas sintonizadas com as preocupações sobre o ato de ler e seus modos de fazer” e procura estabelecer a revisão do “tópico da leitura desde os distintos ângulos com que tem sido abordado e debatido, incluído aí o histórico, pedagógico e o tecnológico.” (2016, p. 9), afirmam as organizadoras na introdução do livro - “Fazendo a leitura acontecer”.

“Como fazer os jovens lerem? Olhar histórico sobre o caso francês de incentivos à leitura”, de Anne-Marie Chartier, aborda a questão da mobilização em torno da propagação da prática da leitura para jovens, crianças e adolescentes. A autora trata do exercício de professores, bibliotecários, escritores, livreiros, jornalistas e oficinairos em

¹ Doutora em Teoria da Literatura - PUCRS. Atualmente, é bolsista PNPd- Capes pela URI-FW. E-mail: srtagabi@gmail.com

² Doutora em Teoria da Literatura - PUCRS. Professora do Mestrado em Letras e do Curso de Letras da URI-FW. E-mail: ilsevivian@hotmail.com

Revista Literatura em Debate, v. 11, n. 21, p. 248-254, jul./dez. 2017. Recebido em: 13 jul. 2017. Aceito em: 17 jul. 2017.

atividades de leitura e compartilhamento. Levando em conta a “longa tradição de valorização do livro, considerado como um vetor eficaz para educar os mais jovens” (2016, p.13), Anne-Marie Chartier apresenta experiências produtivas no desenvolvimento da leitura na França, como a ideia da publicação dos suplementos literários ilustrados para crianças em alguns jornais e a conseqüente leitura recreativa tanto para os alunos como para os seus professores. Entre outros fatores ligados ao assunto, a autora destaca a luta contra o analfabetismo funcional de adultos e crianças, em que a promoção da leitura tem um papel fundamental. Além disso, destaca as condições da leitura na era digital, já que, hoje, a rapidez da leitura acompanha a instantaneidade dos processos de escrita. Conforme Chartier, a leitura digital não deve ser temida como oposição ao livro, mas concebida como aliada na promoção da interação livro e leitor.

Bethania Mariani e José Luís Jobim, em “A leitura em perspectiva”, apresentam formas de percepção do ato da leitura e a maneira como a leitura pode influenciar os sujeitos. A partir da ideia de que alfabetizar não é formar leitores (ideia muito importante e sempre lembrada: alfabetizar é ensinar a decifrar um código), questionam a relação entre a leitura e o mundo que cerca o leitor. Trazem um recorte biográfico de Graciliano Ramos e a forma como a alfabetização e a leitura fizeram parte da sua educação. Nem a mãe que tinha dificuldades na leitura em voz alta, nem o pai que não tinha vocação para o ensino conseguiram educá-lo nas letras e para a leitura. Na escola é que aprendeu com a leitura, não só a ler e a escrever, mas a partir das possibilidades de um novo mundo a ser descoberto - “Graciliano Ramos foi se tornando um leitor imaginativo e voraz, que lia de tudo.” (2016, p. 38). Assim, com o exemplo de Graciliano, os autores apontam a dimensão da atividade da leitura, da interação com os livros, seja o tradicional impresso e encadernado, como o digital, no formato que se encontra hoje. Lembram ainda das teorias propostas por Hans Robert Jauss, importante pensador da Estética da Recepção que afirma que toda leitura promove um movimento, “mobiliza um saber prévio” (2016, p.41) e Gadamer, que diz que tudo que chegou até nós foi por via escrita, alimentando um desejo de permanência. A leitura, então, está ligada a tudo que nos cerca e nos ajuda a entender o significado do mundo, bem como ressignificá-lo.

Elias José Torres Feijó, em “Ler, sem ética nem moral. Contributos da psicologia cognitiva e ética na e da leitura”, propõe uma reflexão a respeito da pedagogia da leitura e do ato de recomendar ou impor leituras, não apenas no sistema educativo, mas em todos os âmbitos sociais. Apresenta, ainda, a partir da sua vivência, aspectos da leitura como argumento social nas sociedades ocidentais, levando em consideração a ideia da leitura de literatura ou de ficção. Elias manifesta que seu desejo ao escrever o ensaio foi também de “incidir na importância do ato de ler como elemento técnico e interpretativo do texto”, além da questão da moral e da ética de quem recomenda determinados textos, pressupondo resultados de interpretação. Lembra que ler e interpretar configuram uma importante ferramenta no convívio social. A leitura afasta-nos da cegueira.

“Uma pausa para meditação, ou melhor, para a mediação em leitura”, de Ezequiel Theodoro da Silva, é uma reflexão sobre a relação da leitura com o mundo ou a realidade, especificamente pelo que o autor denomina como “paisagem brasileira da leitura” (2016, p. 92). Considera as questões científicas e as informações que circulam de maneira muito veloz e a elasticidade de nossas retinas que recebem uma imensa quantidade de informações e imagens o tempo todo, incessantemente. Essa paisagem de leitura brasileira que é formada por redes de bibliotecas públicas, escolares e comunitárias é de aspecto árido e seco. Sobrevive num terreno pobre de incentivos - motivação, estrutura e falta de interesse. Elenca uma série de fatores que levam a leitura a não ter sucesso, dentre eles o neotecnicismo, políticas de ensino e a opressão do professor. Ezequiel posiciona-se como educador e como leitor, salientando que a leitura no país é alvo da displicência de governos e seu desinteresse pela leitura e pelos leitores.

Luis Augusto Fischer, em “Do vestibular ao ENEM - novo paradigma para o ensino de leitura para jovens no Brasil”, aborda a questão do ensino de literatura com a preocupação específica com as provas de vestibular e, posteriormente, o Exame Nacional do Ensino Médio. O autor estabelece então, paradigmas em relação à prova do ENEM e ao vestibular. Traça a linha histórica da prova e como ela atingiu o patamar de importância no Ensino Médio. Discute as características das provas de literatura e os

conteúdos contemplados tanto no vestibular - em especial a prova da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como no ENEM.

Tania Rösing, em “Mudanças radicais nos modelos de ler e escrever: o enfrentamento coletivo da questão por professores e estudantes universitários”, discorre sobre diferentes aspectos a respeito da leitura e da escrita, tendo como ponto de partida o ensino superior. Apresenta ao leitor peculiaridades do ensino superior e a manutenção da leitura no âmbito universitário, que se dá além do curso de letras, através da inserção de textos literários entre os materiais de leitura dos mais variados cursos. Além do domínio da leitura e da escrita, fundamentais na interpretação e relação com o mundo, a autora trata do compromisso da Universidade com a ideia da liberdade, que diz respeito aos aspectos sociais e culturais dos sujeitos. Rösing alerta para a necessidade de os professores incorporarem práticas de leitura e de escrita nas suas aulas de forma reflexiva. Conforme a autora, a vivência dessas atividades é de incontestável aproveitamento pelos estudantes.

“Dispositivos de leitura no cenário de convergência das mídias”, de Ana Cláudia Gruszynski, é um texto sobre a relação da literatura com os suportes e materialidades a partir do cenário atual e das mídias. Gruszynski aponta os dispositivos de leitura, da ampliação do letramento digital e da redifinição das relações entre os suportes de leitura e os leitores. Toma como exemplo o jornal impresso e o digital e as diferentes formas e organizações que ele recebe nas duas modalidades. Trata, ainda, sobre a questão da materialidade e das convergências midiáticas e das exigências que caracterizam a leitura na época contemporânea. São elencadas, no texto, quatro gerações de leitores e suas relações com a leitura digital e impressa. É levado em consideração o elemento da *ubiquidade* como condicionante para a presença cada dia mais abrangente da internet no cotidiano e, por conseguinte, na leitura.

Maria da Glória Bordini, em “Leitura no século XXI: o meio substitui a mente?”, para tratar de possíveis respostas do leitor à leitura, recorre a filósofos como Kant, Theodor Adorno, Heidegger, Habermas entre outros. Para Bordini, “As formas como se leem livros hoje em dia ainda refletem os controles exercidos pela atividade editorial, mas

não de modo absoluto.” (2016, p. 194). Assim é preciso pensar sobre os suportes de leitura - impresso e digital – mas sobretudo nas modalidades de leitura, que segundo a autora são duas: a primeira, que é a reflexiva e sentimental, em que acontece a fixação do texto, e a segunda, que é a leitura distraída (nomeada por Walter Benjamin), cuja prática é a leitura realizada no cinema e que pode ser também a da mídia eletrônica.

Marisa Lajolo, em “Das histórias da carochinha (1894) ao infantil digital do 57º Prêmio Jabuti (2015)”, realiza uma reflexão sobre a evolução do cânone da literatura infantil brasileira até a atualidade. A autora se detém nos livros digitais que foram vencedores da edição nº 57 do Prêmio Jabuti, considerado o maior prêmio de literatura no país. Através da apresentação dos livros, Lajolo comenta a possibilidade de integração de elementos multimídia, interativos e hipertextuais, que tornam esses *e-books* essenciais em tempos de interação digital leitor-obra.

“O escritor e o multiplayer: bibliotecas de games”, de Miguel Rettenmaier, é um texto em que se discute sobre as multiplicidades de fontes e também de linguagens que estão ligadas ao mundo virtual e a relação com os usuários. Trata de fontes e memória literária a partir da ideia de livro como suporte e do que hoje é possível como práticas intertextuais proporcionadas pela época da virtualidade. Rettenmaier destaca o caráter da leitura hoje, que se constitui como “pluriuniverso”, o qual é constantemente construído através de leituras e interações. “A web, a internet, a ausência de limites nos recursos hipertextuais, a falta de costura precisa entre as coisas e os sujeitos, entre o orgânico e o artificial” (2016, p.223) entre outras características dessa literatura no campo virtual é o que desalinha as bibliotecas e perturba as prateleiras em sua ordenação clássica e canônica. Os *games* desenvolvidos a partir de narrativas também são comentados pelo autor que os percebe como uma atualização de “um leque de referências culturais”, que permitem a ampliação da interação e imersão. É uma “ferramenta” que contribui para a educação, uma vez que é resultado de um novo contexto cultural. Muitos são ferramentas diretamente ligadas ao universo literário, pois são baseados em obras literárias e propiciam uma relação mais íntima entre leitor e literatura.

“Semelhança na diversidade - a leitura de romances na Europa e no Brasil”, de Márcia Abreu, é o texto que dá início à terceira parte da obra: A leitura e seus destinatários. O ensaio aborda a questão das obras literárias e sua importância apesar dos suportes a que estejam submetidos. Segundo a autora, uma obra não perde sua relevância no cânone pela mudança de paradigmas em relação à forma como é publicada. Desde os romances de folhetim, e levando em conta aspectos de evolução e transformação na Europa, especialmente em França, e no Brasil, determinadas obras continuaram a ser lidas e requisitadas por editoras e pelo público. A literatura oitocentista teve também seus percalços de leitura e publicações, no entanto, segundo Márcia, era muito “mais diversa, multifacetada e complexa” (2016, p.257) do que se costuma pensar.

Regina Zilberman, em “Os suportes “suportam o mundo”?”, apresenta algumas percepções sobre a ideia de mediação, da “transitoriedade da voz” que possivelmente ocasionou a busca por mediadores que durassem mais tempo. Daí a passagem da oralidade para o registro escrito (traz o exemplo bíblico de Moisés). Os mediadores de papel, como enuncia a autora, surgem com o advento do papel, na própria era do material que é “a mais bem sucedida” (2016, p.267). Cada suporte permite uma determinada relação com o texto a ser publicado, com as prováveis modificações que poderá sofrer de acordo com as interações com os leitores.

Roger Chartier, em “Leitura e ficção (séculos XVIII e XIX)”, discute as transformações que modificaram a relação entre leitura e ficção. Há mutações técnicas como a impressão, questões tipográficas e a multiplicação de jornais e revistas que abrangia um número maior de leitores. O folhetim foi um grande propagador da literatura. As modificações iniciadas no século XVIII alcançaram os séculos seguintes com maior proporção de efeito e nelas três séries de “mutações”: a condição do autor, as formas de circulação das obras e as maneiras de ler. As revoluções da leitura já pressupunham, ainda no século XVIII, uma variedade ampla de textos: relatos de viagem, descrições de cidades e memórias, apostando num elemento hoje muito pertinente no campo da história da leitura e da literatura: a universalidade da leitura.

“Romance e crítica: leitura e esfera pública na Inglaterra setecentista”, de Sandra Guardini Vasconcelos, é o texto que encerra a obra. No ensaio, a autora traz referenciais históricos da prática da crítica literária, num determinado período da literatura inglesa e a importância da realização e circulação dos textos críticos. As resenhas, recomendações ou censuras acompanharam a produção romanesca, como também as cartas e comentários dos leitores que liam as obras e os textos críticos a respeito do que haviam lido e tinham vontade de expressar suas opiniões. A circulação de romances, a consolidação do gênero e de alguns autores, bem como, o aumento do número de leitores, levava à necessidade da composição de textos críticos que elucidassem o valor da leitura como uma prática social.

Leitura: história e ensino, além de ser uma reunião de textos construídos por renomados pesquisadores que abordam tanto os aspectos literários, como os teóricos em diversas perspectivas, é uma obra que acompanha a universalidade contemporânea e discute sobre suas práticas tecnológicas. Os ensaios reunidos atendem às múltiplas necessidades de quem trabalha com leitura no campo literário e educacional. O conjunto de ensaios localiza o pesquisador sobre o lugar da leitura hoje, quando revisa a história da leitura e repensa a leitura no mundo e no Brasil, as deficiências e as modificações necessárias para a efetiva prática da leitura. Discute a história da relação leitor e obra, a leitura e o âmbito universitário, os novos suportes e as novas perspectivas dos leitores em interação com o livro e as possibilidades da era digital. Todos os textos são relevantes na medida em que compõem o cenário das condições de leitura do passado na sua relação com os tempos atuais. Essa relação temporal que se cria no conjunto da obra promove a reflexão a partir do diálogo que se estabelece pela relação entre o passado da leitura e dos leitores e a compreensão do que se espera que seja a leitura hoje e no futuro, considerando seus mais variados suportes.